

## Clown, a arte da relação

Profa.Dra. Ana Elvira Wuo-USJT/METROCAMP-  
GEDAN-Grupo de Estudos em Dança- UNICAMP  
aewuo@itelefonica.com.br

### Resumo

O presente trabalho tem por objetivo refletir os elementos qualitativos na fala dos participantes do processo de criação de clowns “Aprendiz de clown, brincadeira no picadeiro” idealizado e ministrado pela autora em Porto Alegre-RS no ano de 2005 para atores e educadores . O processo revelou um elemento necessário e inerente à relação humana, a diversão . A pesquisa, contou ainda, com a elaboração de questões que entram em cena, como um conjunto interlocutor de formação da base do aprendizado, a relação com o outro. Sendo assim, o processo criativo revela que a brincadeira no picadeiro e o desenvolvimento técnico dos participantes , mostra que o relacionamento com o público é um importante aliado da qualidade de vida.

**Palavras-chave:** Clown, processo de criação, qualidade de vida.

### Introdução

As pessoas têm um clown interiorizado e este tenta se divertir a qualquer custo. Nesse momento, é bom saber que, mesmo não possuindo um nariz vermelho, existem outras maneiras de ele se manifestar. Por isso, quando cruzar o seu caminho, será melhor se entregar sem resistência(Wuo, 2005).

A entrega ao mundo da diversão é extremamente impulsiva e necessária: os seres humanos guardam esse tesouro como parte de um movimento de perpetuação de um conhecimento relacionado com a qualidade de vida. Por qualidade de vida entendo, uma forma prazerosa de ser e estar no mundo. Sendo adulto ou criança, tal processo é solução para aliviar a carga de tantos compromissos sérios na vida. Por qualidade de vida entendo, uma forma prazerosa de ser e estar no mundo, despreocupadamente. É por isso, também, que alguns mestres, com profunda sabedoria, revelam aos discípulos o quão importante e, ao mesmo tempo, simbólico é deixar a manifestação desse conhecimento venha à tona, por exemplo, quando Baiocchi (1995,p.47), num de seus trabalhos com o mestre Kazuo Ohno, conta que, numa ocasião, este surpreendeu a todos, dançando uma canção de Julio Iglesias: “Coisas do rômantico clown que mora na paisagem interior de Kazuo Ohno. Nós atônitos. O mestre se divertindo como sempre” (WUO, 2005).

Sendo assim, o clown está em qualquer parte: basta querer e ele nos surpreenderá, dando sinal de vida : “Foi assim que dei um sinal verde ao clown – quando me entreguei a ele, querendo viver uma grande história e estimulando o início da mesma na vida de muitas pessoas(WUO,2005)”, nos fazendo rir novamente de nós mesmos, assim como de nossos erros. Mostrando-nos que a vida é uma grande brincadeira no picadeiro, e que para possuir essa qualidade tão divertida, basta ter olhos e um nariz bem vermelho, para assumir o compromisso de entrar em relação com ela e com os outros, para aprender a verdadeira arte da relação.

### **Origem de clown**

Segundo Wuo(2005) a palavra clown (pronuncia-se “*cláun*”) apareceu no século XVI. Este vocábulo remete-nos a *colonuns* e *clod*, significando um fazendeiro ou rústico, torpe e, de qualquer maneira, o clown foi sempre campesino (TOWSEN, 1976). Outra origem é na língua celta, designando originalmente um fazendeiro, um campônio, visto pelas pessoas da cidade como um indivíduo desajeitado e engraçado, indicando, num outro momento, aquele que, com artificiosa torpeza, faz o público rir.

Em sua aplicação geral, é um ser cômico que se apresenta e se comporta de maneira estúpida ou excêntrica; em particular, alguém que se especializa em comédia física (WUO,2004).

Todos os grandes clowns tradicionais do cinema (tais como Chaplin, Keaton e Tati) influenciaram Mazzaropi. Também nos divertiram Langdon, The Marx Brothers, Harold Lloyd, Jerry Lewis, Martin and Lewis, Woody Allen, Laurel and Hardy, Abbott and Costello e Andy Kaufman, entre outros maravilhosos que nos foram apresentados em matinês no cinema ou nas sessões da tarde em algum momento de nossas vidas (WUO,2005). Quem é que se lembra desses tão inusitados e engraçados companheiros vividos de forma prazerosa?

Wuo (2005) explica que de alguma forma, essas manifestações estão em contato conosco no cotidiano: pessoas engraçadas que encontramos na rua, no ônibus, no aeroporto, na família, no meio de amigos ou nos meios artísticos. Esse contato basta para identificar os “clowns na vida”, como disse Fellini (1985). Mas esse clown se torna, com o passar do tempo, uma técnica que vem sendo desenvolvida dentro dos espaços artísticos do teatro e do circo. Na rua, nas praças, na escola, nos hospitais, o clown se torna um habitante necessário ao meio. Quanto mais o envoltório social é tencionado, tanto mais os clowns aparecem no mundo.

Puccetti (2002) proferiu que o que existe no clown é o momento e, por mais que ele saiba fazer o que vai fazer, no momento do espetáculo, porém, tudo o que faz para aquelas

pessoas naquela situação é o que o diferencia do ator, que tem a quarta parede, que segundo Pavis(1999) é uma parede imaginária que separa o palco da platéia . O clown é direto e permite chegar a níveis de revelação, de autenticidade enquanto trabalho e enquanto arte. Esse canal do clown, em termos gerais, ajuda na vida (WUO,2005).

### ***A pesquisa : processo de criativo de clowns***

Acredito que esse mesmo clown habitante de meu ser orientou-me a ouvir a voz dos clowns iniciados. O estudo do clown nesta pesquisa tem um sentido singular e plural ao mesmo tempo. Singular porque revela o significado do que é clown, de maneira única, a cada iniciado; plural porque todas as revelações únicas se complementam, formando um corpo de conhecimento prático-téorico. Essa maneira como concebemos o trabalho poderia ofertar contribuição significativa e particular ao estudo do clown, já que sempre recorremos aos mestres e aos teóricos e a suas respectivas definições como a uma inspiração (WUO,2005).

Além disso, os participantes, ajudaram – por meio da voz em palavras, em discursos, a compreender parte da existência dessa expressão artística clownesca, potencializando a elaboração de conceitos durante o processo e no decorrer do trabalho de modo geral, ao relatar a experiência vivida no processo (WUO,2005).

Quando dizemos que o clown é pessoal e único na prática, deduzimos que, em teoria, toda essa singularidade poderia, de forma consistente e relevante, incluir os depoimentos dos iniciados, visando a concatenar os conteúdos qualitativos dos discursos em teorização da própria pesquisa.

O mundo dos clowns mostra mais um episódio dessa aparição do clown na minha e em outras vidas, num processo criativo como sítio das descobertas cômicas permeadas de símbolos, mitos e imagens de uma criação.

### **Influência e Metodologia**

A criação se revelou, primeiramente, no curso denominado “Aprendiz de Clown”. Tal nome se justifica, já que, como disse anteriormente, acredito que o clown é um processo e um aprendizado para toda a vida, visto que ele é a nossa pessoa pelo avesso e nós, pessoas, estamos em constante desenvolvimento, crescimento e evolução. A minha pesquisa tem a influência dos clowns do teatro, dentro de um desdobramento de influências cômicas, a partir das primeiras décadas do século passado, em que o clown renasce no contexto teatral. O clown divide sua vida entre os circos e as temporadas de inverno em teatros. A linha de pesquisa e os estilos, os quais a influenciaram surgem e partem do pressuposto de que o clown é você mesmo. O meu estudo também parte da mesma linha de comicidade corpórea presente em cada pessoa, indo ao encontro do pensamento de Lecoq (2001), que desenvolveu um estilo

e uma metodologia de pesquisa do clown, tendo como base a comicidade corpórea presente em cada pessoa. O que venho tentando desenvolver ou elucidar é um caminho pelo qual eu possa desvincular os alunos de modelos ou de uma imagem pronta de clown, assim eles podem pensar em ser um clown pela via do si mesmo e em alcançar e observar o fenômeno de forma direta.

### **Os discursos**

A fala dos iniciados revelou formas de definir o que é clown na medida em que praticaram essa definição no corpo-tempo-espço da pesquisa prática. Os aprendizes dos cursos falam de uma certa poesia ao ar quando, em relação ao clown, revela: “Sou eu... minha escuridão exposta à luz brilhante do sol, refletindo múltiplas cores e revelando a alegria de viver as dificuldades que fazem parte de todos os clowns (os que já se desenvolveram e os que ainda não) do mundo.” Para outros aprendizes, houve a manifestação de sentimentos essenciais para quem faz o clown e entrou em contato com a delicadeza dentro de si mesmo. Confirmando um outro lado, que é o do: “saltimbanco, funâmbulo, bobo da corte”, aquele que tem a qualidade de se desprender dos bens materiais e viver das mais puras e inocentes emoções. Aquele que diz e faz o que pensa, embora radical, profundo e complexo, da mais simples forma, sem distinção de castas sociais, para ampliar o seu grande poder de persuasão, porque o clown é um ser dotado de livres poderes, é instrumento capaz de transformar uma sociedade pela inversão de seus valores, questionando-os ou, ao menos, trazendo à tona a possibilidade de reflexão. Os aprendizes dizem, que o clown possui a tarefa de disseminar o amor, o bom humor, a simplicidade e a felicidade, em suma, de disseminar a humanidade: “Ser clown é um estado de ser, o mais autêntico.”

Os participantes dizem que podemos relacionar no entanto o clown a um estado de espírito, uma segunda alma, formado a partir de características e qualidades individuais. Para ser clown, uma pessoa não precisa adaptar-se à imagem transmitida ao senso comum porque o clown se adapta ao “seu ser”, ou seja, se constitui através de qualidades e defeitos pessoais. Observamos no processo com os participantes, um modo de lidar com as fragilidades, expressá-las com naturalidade, deixá-las ser, como uma lente de aumento sobre características humanas em que os pesquisados sentiram-se segundo Wuo(2005) : “Conscientes do timing da cena, ligado no partner e no público, experimentar um estado de atenção e entrega, satisfação de estar ligado, batendo juntos os corações; mesmo na imobilidade e no silêncio, no pequeno. Um frágil ser brilhante, desajeitado, desencanado que nem criança quando brinca com prazer, presente no que faz.”

O clown produz valores sociais, dizem os aprendizes, que desconstróem a seriedade e a lógica estabelecida pela sociedade e é um ser puro, ingênuo, infantil, que não foi contaminado pelos mecanismos da civilização humana, trazendo, dentro de si, o novo, o imprevisível da vida. Ele é, a cada instante, uma folha de papel em branco que vai sendo escrita de forma criativa, poética, alegre e irreverente. Ele nasce a cada minuto conforme os elementos do exterior, os fatos e as pessoas com que ele se relaciona; é essencialmente o belo, o novo, o imprevisível, a cada instante. Porque, num mundo onde os valores estão sendo perdidos, a afetividade humana quase não existe e somos obrigados a sempre observar o que está ao nosso redor. Acabamos, assim, por nos esquecer de “nós” sermos, por dentro e por fora, no espaço em que se encontra, para expor o ridículo.

O clown é uma lição de vida para as pessoas pelo que representa – o amor, a alegria, a pureza e as coisas boas da vida. É a luz, a esperança na verdadeira beleza humana, resgata a criança que foi adulterada (que se tornou adulta). Como alquimia, ele é a “pedra filosofal” que transforma o “metal bruto” no mais nobre dos “metais”. Não é um personagem e, sim, a essência de cada um trabalhada com simplicidade e emoção: ele é a pessoa, mesmo com os defeitos exacerbados. Pode ser muito mais profundo que o nosso ridículo, pode ser um estado puro. É a resistência, questionamento inocente de paradigmas que acontece “naturalmente”. É uma eterna criança que não tem medo de expor sua vida. O clown é magia, tudo colocado junto à arte e essa mistura é o que encanta e se relaciona com todos ao longo de tantos séculos.

### **Relação com a vida do outro**

O clown, para Burnier (2001), deve ser, acima de tudo, poético e *“acreditamos que a função de um clown não é apenas fazer rir. Ele precisa tocar o público a partir do lirismo, da delicadeza e da sutileza”* e tocar o público só é possível quando o ator busca seu lado mais ingênuo e verdadeiro para construir seu clown e expor isso como uma expressão artística. O corpo artístico se relaciona com o mundo e explora essa vida de ser no outro num mundo de relações da arte para a arte, naquele que vê e se relaciona com o clown (WUO,2005).

A possibilidade da relação de um corpo público com outro, chama-se “possibilidade de troca”, foi o que a leva o aprendiz a realizar o trabalho de clown pelo “olhar desvendador de uma criança e o constrangimento que vira riso e derrete a máscara de ferro” - é a troca que as pessoas deveriam fazer de vez em quando, isso aumenta a possibilidade de qualidade de vida entre as pessoas. Podemos observar que estar em contato com o público no palco (ou

imaginá-lo presente) o tempo todo é uma descoberta e nos traz uma ferramenta para a melhoria do contato com a vida das pessoas. Há ação e reação imediata; isto só pude vivenciar trabalhando no clown. O que muitas vezes ocorre é que voce não consegue mais tirar o olho, voce quer este olhar para voce, voce precisa dele, assim percebe que o público já não é mais uma banca de jurados. Se o teu olho está vivo e se entrega, creio que comunica, que envolve o outro, isso gera a relação verdadeira; já que o mundo hoje possibilita mais a relação virtual; o clown pode ser um aliado dessa distância.

Em geral, poder-se-ia ainda dizer que o mesmo indivíduo que toca outro é também por ele tocado. Assim, é utilizado, manipulado, conhecido e reconhecido pelo outro e para o outro. Quando se está atuando com o clown e se estabelece uma relação com o espectador, não se consegue reconhecer quem vê ou quem é visto, quem representa ou quem é representado. Existe um significado relacional; o espectador entrou no espetacular e se transformou no performer. O clown representa para o outro; se essa comunicação não estiver estabelecida, o ator só será visto, viverá sozinho a sua obra de arte. A técnica de clown pressupõe relação com o outro, o público, um objeto, uma flor, um pássaro, uma parede. O clown não é para si e só existe para ser nos outros.

O clown coloca o espectador na cena. Sem essa relação profunda do outro em mim, não acontece o fenômeno espetacular: o corpo que se coloca como espetáculo de provocar riso, identificado com a platéia. Para o ator que se inicia em clown – e não adquire esse tipo de percepção do outro, percepção de seu corpo, olhando o próprio corpo como somente seu – não é possível estabelecer a comunicação com o espectador. O corpo do clown pressupõe ser e estar no corpo do outro em forma de riso, uma expressão particular do espetáculo teatral de “minha”, “sua”, “nossa” corporeidade em cena, uma evidência dilatada, sentimento do mundo sujeito-objeto.

### **O processo de transgressão**

O processo para cada um representa a transgressão da realidade vigente através da crítica humanista que recoloca o homem no eixo central da razão de ser. É responsável pela tentativa de desmascarar e tirar as couraças impostas por um “todo inibidor social através de ações e atitudes que normalmente não são permitidas ou aceitas pelas tradicionais normas de conduta social, embora o faça com certa facilidade, arrancando risos e provocando variedades de reações inusitadas, caçoando da própria contradição de vida da humanidade” .Como nos falou Lecoq (1987), “ clown é fenômeno que ultrapassa a simples representação. Seu

espetáculo torna-se um modo de expressão pessoal. Ele põe em desordem uma certa ordem e permite, assim, denunciar a ordem vigente.

Segundo Wuo(2005) a iniciação de clown sempre foi um tema que despertou-a para a vida, por isso dedicou parte dela à pesquisa do tema. Esse tempo vivido junto a manifestações clownescas é o gerador de muitos questionamentos e descobertas, transformado num compromisso assumido com o processo de criação dos iniciantes, dentro do contexto iniciático, por meio da sistematização de uma prática, que culminou na teorização do mesmo. Constitui-se um picadeiro, no qual os corpos, suas ações e os sentimentos humanos revelam a presente reflexão como uma pérola preciosa permeada da vida de pessoas que se iniciaram e se expuseram artisticamente em público e, junto a essa exposição, os mais valiosos e delicados sentimentos, emoções, confiados à minha pessoa; segredos permeados pelo encontro com o desconhecido mundo que tentávamos habitar e ao qual, de tão imenso, nem mesmo nós sabíamos se conseguiríamos chegar (WUO,2005).

Isso aconteceu graças à generosidade dessas pessoas que vieram aprender sobre clown. Segundo Wuo (2005), “os encontros, esses com o desconhecido foram consumados e consagrados por meio do grande ato da criação de um processo de busca e encontro com a comicidade corpórea : “ Foram pessoas que, muitas vezes, emocionaram-me ao mostrar o grande valor que o mistério do processo de criação artística em forma de clown proporcionou a suas vidas.”

### **Considerações finais**

O processo Aprendiz de Clown, revelou conteúdos formadores das bases artísticas e pedagógicas dos diferentes desdobramentos, fazendo desse estudo um momento único dentro do processo criativo do clown, aquele que mostra que criar é arriscar novas formas de ver e sentir o mundo, tendo como maior descoberta a liberdade de ser livre para criar no território clownesco, sendo um estimulante à descoberta de uma lógica particular (WUO,2005) de vida.

O processo criativo dos clowns, além do desenvolvimento de uma técnica, possibilitou a observação de parte do mundo das pessoas e da manifestação de suas próprias emoções: seus desejos, suas falhas, seus fracassos, conquistas. É um ensinamento que ficará guardado nas memórias dos relacionamentos, das lutas internas e externas, dos corpos sorridentes e chorosos, prazerosos, dos abraços, da determinação, da coragem de despir a si mesmo perante os outros e outras companheiras de criação. (WUO,2005).

De tudo fica um pouco, conforme as palavras de Drummond. E de tudo ficou um pouco no meu caminho, cujos momentos mostram um turbilhão de relações daquele que busca o riso corpóreo nos espaços da solidão de si, tornando-se habitados pelo universo do espectador. Isso consolida uma grande lição apreendida. Desde já, de tudo que ficou, ficaram as relações humanas nas nossas saudades de um dia nos termos conhecido num meio tão prazeroso de descobrir-se, como há muito tempo não se fazia, criando livremente (WUO,2005) por meio de um processo de qualidade às nossas vidas.

### **Referências Bibliográficas**

BAIOCCHI,M. *Butoh:dança veredas d'alma*. Palas Athena: São Paulo,1995.129p.

BURNIER, L. O. *A arte de ator* : da técnica à representação elaboração, codificação e sistematização de técnicas corporais e vocais de representação para o ator.Campinas:Editora da Unicamp,2001.313p.

FELLINI,F. *Fellini por Fellini*.s.ed.Entrevista de Giovanni Grazzinni.Lisboa:Dom Quixote,1985.143p

LECOQ,J. *The moving body*. The teaching creative theatre. Translated from Le corps Poétique by David Bradby. A theatre Arts Book. Routledge.New York,2001.169p.

PAVIS, P. *Dicionário de teatro*. Tradução J.Guinsburg e Maria Lúcia Pereira,São Paulo:Perspectiva,1999. 483p.

WUO, A.E.**Clown, processo criativo, rito de iniciação e passagem**.2005,p.214. Tese de doutorado (Pedagogia do Movimento).Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.